ORIENTAÇÕES SOBRE IDENTIDADE DE GÊNERO: CONCEITOS E TERMOS

Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião

Jaqueline Gomes de Jesus

2ª EDIÇÃO

Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião[1]

Pare de, sem perceber, misturar pronomes e usar termos preconceituosos e ajude milhares de pessoas a viver em uma vida sem violência!

2ª edição – revista e ampliada.

Brasília

Dezembro, 2012

[1] Distribuição gratuita. Reprodução autorizada desde que citada a fonte.

Publicação *online*, sem tiragem impressa.

Ilustração da capa: detalhe de mosaico.

Idealização e Desenvolvimento
Jaqueline Gomes de Jesus

Revisão de conteúdo
Berenice Bento
Luiz Mott
Paula Sandrine

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

J58 Jesus, Jaqueline Gomes de.
Orientações sobre identidade de gênero : conceitos e termos / Jaqueline Gomes de Jesus. Brasília, 2012.
42p. : il. (algumas color.)

.....Escritório de Direitos Autorais da Fundação Biblioteca Nacional – EDA/FBN
Registro EDA/FBN nº 563034, Livro 1074, Folha 91
Protocolo EDA/DF 2012 nº 366

1. Psicologia – Cultura. 2. Identidade. 3. Gênero. 3. Direitos humanos. 4. Diversidade. I. Jesus, Jaqueline Gomes de. II. Título

CDU 159.9:39

Este *e-book* está disponível nestes *sites* (pesquise pelo título do livro e/ou nome da autora):

http://issuu.com

http://pt.scribd.com

http://www.sertao.ufg.br

E-mail: jaquelinejesus@unb.br
Brasília, DF.

Publicação sem fins lucrativos. Qualquer parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada de forma gratuita, por meio eletrônico, fotocópia e outros, desde que citada a fonte.

Agradecimentos

Agradeço ao professor Luiz Mello, do Ser-Tão – núcleo de estudos e pesquisas em gênero e sexualidade da Universidade Federal de Goiás – UFG, por ter apoiado a publicação virtual do *e-book*, desde a sua primeira edição.

Sumário

Página

Nota à 2ª edição 06

Bem-vindo(a)! Qual é o seu gênero? 07

Transgener(al)idades 10

Gênero e Orientação Sexual: um esclarecimento 12

Pessoas transexuais 14

As travestis 16

Crossdressers 18

Drag queen/king, transformista 18

A coragem de ser quem se é 19

Símbolos 20

Datas estratégicas 22

Termos inclusivos 23

Glossário de termos inclusivos 24

Mensagem final 32

Outras fontes 33

Links 33

Filmes 34

Leituras 36

A autora 40

Os revisores 40

Bandeira do Orgulho Transgênero

Sobre a bandeira, sua autora, Mônica Helms, comenta:

> *Azul para meninos, rosa para meninas, branco para quem está em transição e para quem não se sente pertencente a qualquer gênero. Simboliza que não importa a direção do seu vôo, ele sempre estará correto*!

Nota à 2ª edição

A alguns poderá causar estranheza a segunda edição de um texto publicado virtualmente. Esse procedimento, porém, tem as suas justificativas.

Após o lançamento do *e-book* na internet, em abril de 2012, houve uma recepção extremamente positiva da parte do público-alvo, os “formadores de opinião”: além de jornalistas e outros comunicadores sociais, também parcelas da comunidade transgênero e até mesmo da academia.

Este guia-técnico tem sido utilizado como material didático em diferentes Instituições de Ensino Superior, em cursos que tratam de diversidade de gênero e sexual, indicado por professores de graduação e pós-graduação aos seus orientandos e consultado por pessoas que buscam se aprofundar em conceitos e termos relacionados à população trans, sob o enfoque inclusivo que caracteriza a publicação.

Tal receptividade incorreu em contatos, troca de informações e experiências, diálogos intensos, sobre a forma dinâmica como o debate acerca das vivências das pessoas trans brasileiras tem se aprofundado, que demonstraram a necessidade de atualizar algumas das questões abordadas.

Esta edição, nesse sentido, segue a mesma estrutura e orientação da anterior, entretanto com uma formatação mais “legível”, como já se deve ter notado ao passar os olhos sobre esta página, maior detalhamento em certos conteúdos e acréscimo de conceitos e termos. Inseri essas modificações no texto original, que para mim jamais será irretocável, mas o qual respeito, porque se mostrou eficaz no alcance de sua meta: divulgar informações cientificamente embasadas sobre identidade de gênero.

J.G.J.

Brasília, estação chuvosa de 2012.

BEM-VINDO(A)! QUAL É O SEU GÊNERO?

> *Quando o homem atribuía um sexo a todas as coisas, não via nisso um jogo, mas acreditava ampliar seu entendimento: - só muito mais tarde descobriu, e nem mesmo inteiramente ainda hoje, a enormidade desse erro. De igual modo o homem atribuiu a tudo o que existe uma relação moral, jogando sobre os ombros do mundo o manto de uma significação ética. Um dia, tudo isso não terá nem mais nem menos valor do que possui hoje a crença no sexo masculino ou feminino do Sol*.
>
> Friedrich Nietzsche. Aurora, p. 27 (São Paulo: Escala, 2008).

Cada um(a) de nós é uma pessoa única, que porém tem características comuns a toda a humanidade. Elas nos identificam com alguns e nos tornam diferentes de outros, como a região em que nascemos e crescemos, nossa raça, classe social, se temos ou não uma religião, idade, nossas habilidades físicas, entre outras que marcam a diversidade humana. Dentre essas dimensões, este guia se foca na do gênero.

Relembre da sua formação pessoal: desde criança você foi ensinado(a) a agir e a ter uma determinada aparência, de acordo com o seu sexo biológico. Se havia ultrassonografia, esse sexo foi determinado antes de você nascer. Se não, foi no seu parto.

Crescemos sendo ensinados que “homens são assim e mulheres são *assado*”, porque “é da sua natureza”, e costumamos realmente observar isso na sociedade.

Entretanto, o fato é que a grande diferença que percebemos entre homens e mulheres é construída socialmente, desde o nascimento, quando meninos e meninas são ensinados a agir de acordo como são identificadas, a ter um papel de gênero “adequado”.

Como as influências sociais não são totalmente visíveis, parece para nós que as diferenças entre homens e mulheres são “naturais”, totalmente biológicas, quando, na verdade, boa parte delas é influenciada pelo convívio social.

Além disso, a sociedade em que vivemos dissemina a crença de que os órgãos genitais definem se uma pessoa é homem ou mulher. Porém, a construção da nossa identificação como homens ou como mulheres não é um fato biológico, é social.

Para a ciência biológica, o que determina o sexo de uma pessoa é o tamanho das suas células reprodutivas (pequenas: espermatozóides, logo, macho; grandes: óvulos, logo, fêmea), e só. Biologicamente, isso não define o comportamento masculino ou feminino das pessoas: o que faz isso é a cultura, a qual define alguém como masculino ou feminino, e isso muda de acordo com a cultura de que falamos.

Mulheres de países nórdicos têm características que, para nossa cultura, são tidas como masculinas. Ser masculino no Brasil é diferente do que é ser masculino no Japão ou mesmo na Argentina. Há culturas para as quais não é o órgão genital que define o sexo. Ser masculino ou feminino, homem ou mulher, é uma questão de gênero. Logo, o conceito básico para entendermos homens e mulheres é o de gênero.

Sexo é biológico, gênero é social, construído pelas diferentes culturas. E o gênero vai além do sexo: O que importa, na definição do que é ser homem ou mulher, não são os cromossomos ou a conformação genital, mas a auto-percepção e a forma como a pessoa se expressa socialmente.

Se adotamos ou não determinados modelos e papéis de gênero, isso pode independer de nossos órgãos genitais, dos cromossomos ou de alguns níveis hormonais.

Todos e todas nós vivenciamos, em diferentes situações e momentos, ao longo de nossa vida, inversões temporárias de papéis determinados para o gênero de cada um: somos mais ou menos masculinos, nós nos fantasiamos, interpretamos papeis, *etc*.

Procure exemplos, na História, de que tais limites não são fixos e pré-determinados, representados por pessoas como Maria Quitéria, heroína da Guerra da Independência, que se vestiu de homem para poder lutar contra o domínio português.

Ao contrário da crença comum hoje em dia, adotada por algumas vertentes científicas, entende-se que a vivência de um gênero (social, cultural) discordante com o que se esperaria de alguém de um determinado sexo (biológico) é uma questão de identidade, e não um transtorno.

Esse é o caso das pessoas conhecidas como travestis, e das transexuais, que são tratadas, coletivamente, como parte do grupo que alguns chamam de “transgênero”, ou mais popularmente, *trans*.

TRANSGENER(AL)IDADES

O que é ser uma pessoa trans, ou transgênero? Vamos por partes.

Em primeiro lugar, é importante destacar que, em termos de gênero, todos os seres humanos podem ser enquadrados (com todas as limitações comuns a qualquer classificação) como transgênero ou "cisgênero".

Chamamos de cisgênero, ou de "cis", as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído quando ao nascimento. Como já foi comentado anteriormente, nem todas as pessoas são assim, porque, repetindo, há uma diversidade na identificação das pessoas com algum gênero, e com o que se considera próprio desse gênero.

Denominamos as pessoas não-cisgênero, as que não são identificam com o gênero que lhes foi determinado, como transgênero, ou trans.

No Brasil, ainda não há consenso sobre o termo, vale ressaltar. Há quem se considere transgênero, como uma categoria à parte das pessoas travestis e transexuais. Existem ainda as pessoas que não se identificam com qualquer gênero, não há consenso quanto a como denominá-las. Alguns utilizam o termo *queer*, outros, a antiga denominação "andrógino", ou reutilizam a palavra transgênero.

Apresentarei um ponto de vista partilhado com alguns especialistas e militantes. Reconhecendo-se a diversidade de formas de viver o gênero, dois aspectos cabem na dimensão geral que denominamos de "transgênero", como expressões diferentes da condição trans; a vivência do gênero como:

1. Identidade (o que caracteriza transexuais e travestis); OU como
2. Funcionalidade (representado por *crossdressers*, *drag queens*, *drag kings* e transformistas).

Historicamente, a população transgênero ou trans é estigmatizada, marginalizada e perseguida, devido à crença na sua anormalidade, decorrente da crença de que o “natural” é que o gênero atribuído ao nascimento seja aquele com o qual as pessoas se identificam e, portanto, espera-se que elas se comportem de acordo com o que se julga ser o “adequado” para esse ou aquele gênero.

Entretanto, a variedade de experiências humanas sobre como se identificar a partir de seu corpo mostra que essa ideia é falaciosa, especialmente com relação às pessoas trans, que mostram ser possível haver homens com vagina e mulheres com pênis.

Em nosso país, o espaço reservado a homens e mulheres transexuais, e a travestis, é o da exclusão extrema, sem acesso a direitos civis básicos, sequer ao reconhecimento de sua identidade. São cidadãs e cidadãos que ainda têm de lutar muito para terem garantidos os seus direitos fundamentais, tais como o direito a vida, ameaçado cotidianamente.

Violências físicas, psicológicas e simbólicas são constantes. De acordo com a organização internacional *Transgender Europe*, no período de três anos entre 2008 e 2011, trezentas e vinte e cinco pessoas trans foram assassinadas no Brasil. A maioria das vítimas são as mulheres transexuais e as travestis. Até meados de 2012, segundo levantamento do Grupo Gay da Bahia, noventa e três travestis e transexuais foram assassinadas.

Essas violações repetem o padrão dos crimes de ódio, motivados por preconceito contra alguma característica da pessoa agredida que a identifique como parte de um grupo discriminado, socialmente desprotegido, e caracterizados pela forma hedionda como são executados, com várias facadas, alvejamento sem aviso, apedrejamento.

Tem sido utilizado o termo “transfobia” para se referir a preconceitos e discriminações sofridos pelas pessoas transgênero, de forma geral.

Muito ainda tem de ser enfrentado para se chegar a um mínimo de dignidade e respeito à identidade das pessoas transexuais e travestis, para além dos estereótipos. Um deles leva alguns a se esquecerem que a pessoa transgênero vivencia outros aspectos de sua humanidade, para além dos relacionados à sua identidade de gênero.

Entre as pessoas de um mesmo grupo há grande diversidade: as pessoas brancas não são todas iguais, como não são as pessoas negras, mulheres, homens, indígenas, transexuais e tantas outras.

As pessoas trans, como quaisquer seres humanos, podem ter diferentes cores, etnias, classes, origens geográficas, religiões, idades, orientações sexuais, uma rica história de vida, entre outras características.

Gênero e Orientação Sexual: um esclarecimento

Gênero se refere a formas de se identificar e ser identificada como homem ou como mulher. Orientação sexual se refere à atração afetivossexual por alguém de algum/ns gênero/s. Uma dimensão não depende da outra, não há uma norma de orientação sexual em função do gênero das pessoas, assim, nem todo homem e mulher é “naturalmente” heterossexual.

O mesmo se pode dizer da identidade de gênero: não corresponde à realidade pensar que toda pessoa é naturalmente cisgênero.

Tal qual as demais pessoas, uma pessoa trans pode ser bissexual, heterossexual ou homossexual, dependendo do gênero que adota e do gênero com relação ao qual se atrai afetivossexualmente: mulheres transexuais que se atraem por homens são heterossexuais, tal como seus parceiros; homens transexuais que se atraem por mulheres também o são.

Já mulheres transexuais que se atraem por outras mulheres são homossexuais, e homens transexuais que se atraem por outros homens também. Não se pode esquecer, igualmente, das pessoas com orientação sexual bissexual.

Nem todas as pessoas trans são gays ou lésbicas, apesar de serem identificados como membros do mesmo grupo político, o de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – LGBT.

Homossexuais se sentem atraídos por pessoas do mesmo gênero, e bissexuais por pessoas de qualquer gênero, *o que não se relaciona com sua identidade de gênero*, ou seja, não se questionam quanto a sua identidade como homens ou mulheres e ao gênero que lhes foi atribuído quando nasceram, ao contrário das pessoas transexuais e travestis.

Ao mesmo tempo, é importante ressaltar, por exemplo, que um homem *crossdresser*, o qual sente prazer em usar roupas femininas, identifica-se como homem, e geralmente têm uma vivência heterossexual com uma parceira; e que um artista transformista (*draq queen* ou *drag king*), mesmo se vestindo — de forma caricata — como alguém de gênero diferente do seu, não necessariamente se reconhece como alguém desse outro gênero, e ao contrário da crença social, grande parte deles não é homossexual.

Reforçando:

Gênero é diferente de Orientação Sexual, podem se comunicar, mas um aspecto não necessariamente depende ou decorre do outro. Pessoas transgênero são como as cisgênero, podem ter qualquer orientação sexual: nem todo homem e mulher é “naturalmente” cisgênero e/ou heterossexual.

Pessoas Transexuais

A transexualidade é uma questão de identidade. Não é uma doença mental, não é uma perversão sexual, nem é uma doença debilitante ou contagiosa. Não tem nada a ver com orientação sexual, como geralmente se pensa, não é uma escolha nem é um capricho.

Ela é identificada ao longo de toda a História e no mundo inteiro. A novidade que o século XX trouxe para as pessoas transexuais foram os avanços médicos, que lhes permitiram adquirir uma fisiologia quase idêntica à de mulheres e homens cisgênero.

Detalhe: quando relacionadas especificamente às pessoas transexuais, as pessoas não-transexuais costumam ser chamadas de “cissexuais”. Os termos genéricos “transgênero”, e seu correspondente “cisgênero”, não se confundem com os particulares “transexual” e “cissexual”.

Há várias definições, clínicas e sociológicas, que descrevem a vivência transexual. Seria exaustivo citá-las. Se puder simplificar bastante, diria que as pessoas transexuais lidam de formas diferentes, e em diferentes graus, com o gênero ao qual se identificam.

Uma parte das pessoas transexuais reconhece essa condição desde pequenas, outras tardiamente, pelas mais diferentes razões, em especial as sociais, como a repressão.

A verdade é que ninguém sabe, atualmente, por que alguém é transexual, apesar das várias teorias. Umas dizem que a causa é biológica, outras que é social, outras que mistura questões biológicas e sociais. Vale dizer o mesmo para as pessoas cisgênero.

Não temos explicações científicas para por quê os seres humanos se identificam com um determinado gênero, em consonância ou não com a expectativa de sua cultura, mas sabemos que isso ocorre, e como ocorre.

O que importa, com relação à transexualidade, é que ela não é uma benção nem uma maldição, é mais uma identidade de gênero, como ser cissexual. Nesse sentido, a resposta mais simples e completa para definir as pessoas transexuais poderia ser a de que:

Mulher transexual é toda pessoa que reivindica o reconhecimento social e legal como mulher.

Homem transexual é toda pessoa que reivindica o reconhecimento social e legal como homem.

Cada pessoa transexual age de acordo com o que reconhece como próprio de seu gênero: mulheres transexuais adotam nome, aparência e comportamentos femininos, querem e precisam ser tratadas como quaisquer outras mulheres. Homens transexuais adotam nome, aparência e comportamentos masculinos, querem e precisam ser tratados como quaisquer outros homens.

Pessoas transexuais geralmente sentem que seu corpo não está adequado à forma como pensam e se sentem, e querem “corrigir” isso adequando seu corpo à imagem de gênero que têm de si. Isso pode se dar de várias formas, desde uso de roupas, passando por tratamentos hormonais e até procedimentos cirúrgicos.

Para a pessoa transexual, é imprescindível viver integralmente, exteriormente, como ela é por dentro, seja na aceitação social e profissional do nome pelo qual ela se identifica ou no uso do banheiro correspondente à sua identidade de gênero, entre outros aspectos.

Isso ajuda na consolidação da sua identidade, e no que se refere aos procedimentos clínicos atuais, tem servido como um “teste da vida real”, para avaliar se as pessoas transexuais interessadas em se submeterem a uma cirurgia de transgenitalização — adequação cirúrgica do órgão genital à imagem que a pessoa tem dele — podem ser atendidas nesse aspecto (algumas pessoas transexuais não desejam fazer essa cirurgia), prática que tem sido questionada por estudiosos e ativistas.

Em suma, ao contrário do que se costuma pensar, o que determina a identidade de gênero transexual é a forma como as pessoas se identificam, e não um procedimento cirúrgico.

Em decorrência disso, muitas pessoas que hoje se reconhecem ou são taxadas como travestis seriam, em teoria, transexuais.

As Travestis

O termo “travesti” é antigo, muito anterior ao conceito de “transexual”, e por isso muito mais utilizado e consolidado em nossa linguagem, quase sempre em um sentido pejorativo, como sinômino de “imitação”, “engano” ou de “fingir ser o que não se é”.

A nossa sociedade tem estigmatizado fortemente as travestis, que sofrem com a dificuldade de serem empregadas, mesmo que tenham qualificação, e acabam, em sua maioria, sendo, em grande parte, excluídas

das escolas, repudiadas no mercado de trabalho formal e forçadas a sobreviverem na marginalidade, em geral como profissionais do sexo.

Entretanto, é fundamental reforçar que **nem toda travesti é profissional do sexo**.

É importante ressaltar que a maioria das travestis, independentemente da forma como se reconhecem, **preferem ser tratadas no feminino,** considerando **insultoso** serem adjetivadas no masculino, logo:

AS travestis, sim. Os travestis, não.

Entende-se, nesta perspectiva, que são travestis as pessoas que vivenciam papéis de gênero feminino, mas não se reconhecem como homens ou como mulheres, mas como membros de um terceiro gênero ou de um não-gênero.

A denominação “travesti”, mais frequente no Brasil do que em outros país, é historicamente estigmatizada. Tem-se discutido a sua utilidade hoje, quando se entende que:

(1) Elas não se “travestem” no sentido original da terminologia;

(2) Muitas pessoas tidas como travestis têm identidade transexual; e

(3) Há os termos *crossdresser* e transformista (*drag queen* ou *drag king*) para se referir a dimensões específicas da vivência transgênero que não decorrem de aspectos identitários (como a travestilidade ou a transexualidade), mas funcionais, como o prazer e a diversão momentâneas.

Crossdressers

Surgiu um termo novo, variante de travesti, para se referir a homens heterossexuais, comumente casados, que não buscam reconhecimento e tratamento de gênero (não são transexuais), mas, apesar de vivenciarem diferentes papéis de gênero, tendo prazer ao se vestirem como mulheres, sentem-se como pertencentes ao gênero que lhes foi atribuído ao nascimento, e não se consideram travestis: *crossdressers*.

A vivência do *crossdresser* geralmente é doméstica, com ou sem o apoio de suas companheiras, têm satisfação emocional ou sexual momentânea em se vestirem como mulheres, diferentemente das travestis, que vivem integralmente de forma feminina.

Drag Queen/King, Transformista

Artistas que fazem uso de feminilidade estereotipada e exacerbada em apresentações são conhecidos como *drag queens* que são homens fantasiados como mulheres. No mesmo sentido, mulheres caracterizadas de forma caricata como homens, para fins artísticos e de entretenimento, são chamadas de *drag kings*.

O termo mais antigo, usado no Brasil para tratá-los, é o de artistas transformistas. *Drag queens/king* são transformistas, vivenciam a inversão do gênero como diversão, entretenimento e espetáculo, não como identidade.

Aproximam-se dos *crossdressers* pela funcionalidade do que fazem, e não das travestis e dos homens e mulheres transexuais pela identidade.

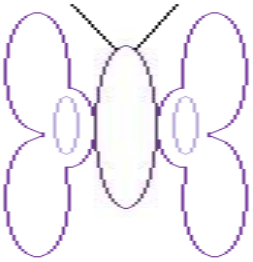
A Coragem de ser quem se é

Pessoas que se identificam com alguma das expressões da transgeneralidade enfrentam um primeiro desafio: reconhecer a si mesmas e fazer decisões pessoais sobre se e quando irão se apresentar aos outros da forma como se identificam. Cada um(a) tem o seu tempo.

É preciso compreender que essa atitude não é simples de se tomar, nem fácil de pôr em prática, porém é necessária, para que elas possam ser quem são por inteiro, entre seus amigos, na família, no trabalho, na rua.

SÍMBOLOS

Bandeira do Orgulho Transgênero – identificada no começo deste guia.



Borboleta – simboliza a metamorfose, de “lagarta” para quem a pessoa realmente é.

Escudo composto – autora: Holly Boswell. Combina símbolos referentes a organismos masculinos e femininos para identificar travestis, transexuais e outras pessoas transgênero.

Referente a mulheres virgens, tem sido utilizado pormulheres transexuais.

Referente a pessoas intersexuais (ver glossário de termos inclusivos).

Variante dos escudos – *Ying Yang* azul e rosa.

Sereias – representam, de forma genérica, a multiplicidade de expressões do corpo feminino.

Reprodução de xilogravura de Ivan Borges.

DATAS ESTRATÉGICAS

29 de janeiro	*Dia Nacional da Visibilidade Trans*
8 de março	*Dia Internacional da Mulher* (enfoque nas mulheres transexuais).
24 de junho	*Dia de Ação Trans por Justiça Social e Econômica*
28 de junho	*Dia do Orgulho LGBT*
23 de outubro	*Dia Mundial de Luta Contra a Patologização da Transexualidade* (a data pode variar conforme o ano).
19 de novembro	*Dia Internacional do Homem* (enfoque nos homens transexuais).
20 de novembro	*Dia da Memória Transgênero*

TERMOS INCLUSIVOS

Escrever ou falar conforme um vocabulário reconhecido pelas pessoas representadas é essencial para valorizar a cidadania. Com relação a travestis e transexuais, é comum o uso de expressões que levam a concepções errôneas sobre a vivência e os desafios dessas pessoas.

Reforçando: com relação a pronomes, as pessoas transgênero devem ser tratadas de acordo com o gênero com o qual se identificam. Se você não está certo(a) quanto ao gênero da pessoa, pode perguntar, respeitosamente, como ela prefere ser tratada, e tratá-la dessa forma.

A partir da próxima página é apresentado um glossário de termos considerados inclusivos, por representarem adequadamente o cotidiano de homens e mulheres transexuais, de travestis e outras pessoas transgênero, buscando-se representar minimamente, e com didática, a sua diversidade identitária, incluindo conceitos relacionados a gênero e orientação sexual.

Glossário de termos inclusivos

Gênero

Classificação pessoal e social das pessoas como homens ou mulheres. Orienta papéis e expressões de gênero. Independe do sexo.

Sexo

Classificação biológica das pessoas como machos ou fêmeas, baseada em características orgânicas como cromossomos, níveis hormonais, órgãos reprodutivos e genitais. Ao contrário da crença popular, reiterada em diferentes discursos, a categoria sexo não se configura como uma dualidade simples e fixa entre indivíduos deste e daquele sexo (binarismo ou dimorfismo sexual), mas, isso sim, como um contínuo complexo de características sexuais.

Expressão de gênero

Forma como a pessoa se apresenta, sua aparência e seu comportamento, de acordo com expectativas sociais de aparência e comportamento de um determinado gênero. Depende da cultura em que a pessoa vive.

Identidade de gênero

Gênero com o qual uma pessoa se identifica, que pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. Diferente da sexualidade da pessoa. Identidade de gênero e orientação sexual são dimensões diferentes e que não se confundem. Pessoas transexuais podem ser heterossexuais, lésbicas, gays ou bissexuais, tanto quanto as pessoas cisgênero.

Papel de gênero

Modo de agir em determinadas situações conforme o gênero atribuído, ensinado às pessoas desde o nascimento. Construção de diferenças entre homens e mulheres. É de cunho social, e não biológico.

Cisgênero

Conceito “guarda-chuva” que abrange as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento.

Transgênero

Conceito “guarda-chuva” que abrange o grupo diversificado de pessoas que não se identificam, em graus diferentes, com comportamentos e/ou papéis esperados do gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento.

Intersexual

Pessoa cujo corpo varia do padrão de masculino ou feminino culturalmente estabelecido, no que se refere a configurações dos cromossomos, localização dos órgãos genitais (testículos que não desceram, pênis demasiado pequeno ou clitóris muito grande, final da uretra deslocado da ponta do pênis, vagina ausente), coexistência de tecidos testiculares e de ovários. A intersexualidade se refere a um conjunto amplo de variações dos corpos tidos como masculinos e femininos, que engloba, conforme a denominação médica, hermafroditas verdadeiros e pseudo-hermafroditas.

O grupo composto por pessoas intersexuais tem-se mobilizado cada vez mais, a nível mundial, para que a intersexualidade não seja entendida como uma patologia, mas como uma variação, e para que não sejam submetidas, após o parto, a cirurgias ditas “reparadoras”, que as mutilam e moldam órgãos genitais que não necessariamente concordam com suas identidades de gênero ou orientações sexuais.

Orientação sexual

Atração afetivossexual por alguém. Vivência interna relativa à sexualidade. Diferente do senso pessoal de pertencer a algum gênero.

Assexual

Pessoa que não sente atração sexual por pessoas de qualquer gênero.

Bissexual

Pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por pessoas de qualquer gênero.

Heterossexual

Pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por pessoas de gênero diferente daquele com o qual se identifica.

Homossexual

Pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por pessoas de gênero igual àquele com o qual se identifica.

Crossdresser

Pessoa que frequentemente se veste, usa acessórios e/ou se maquia diferentemente do que é socialmente estabelecido para o seu gênero, sem se identificar como travesti ou transexual. Geralmente são homens heterossexuais, casados, que podem ou não ter o apoio de suas companheiras.

Transexual

Termo genérico que caracteriza a pessoa que não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. Evite utilizar o termo isoladamente, pois soa ofensivo para pessoas transexuais, pelo fato de essa ser uma de suas características, entre outras, e não a única. Sempre se refira à pessoa como **mulher** transexual ou como **homem** transexual, de acordo com o gênero com o qual ela se identifica.

Homem transexual

Pessoa que reivindica o reconhecimento social e legal como homem. Alguns também se denominam *transhomens* ou *Female-to-Male* (FtM).

Mulher transexual

Pessoa que reivindica o reconhecimento social e legal como mulher. Algumas também se denominam *transmulheres* ou *Male-to-Female* (MtF).

Travesti

Pessoa que vivencia papéis de gênero feminino, mas não se reconhece como homem ou mulher, entendendo-se como integrante de um terceiro gênero ou de um não-gênero. Referir-se a ela sempre no feminino, o artigo “a” é a forma respeitosa de tratamento.

Transformista ou ***Drag Queen/Drag King***

Artista que se veste, de maneira estereotipada, conforme o gênero masculino ou feminino, para fins artísticos ou de entretenimento. A sua personagem não tem relação com sua identidade de gênero ou orientação sexual.

Queer ou **Andrógino** ou **Transgênero**

Termo ainda não consensual com o qual se denomina a pessoa que não se enquadra em nenhuma identidade ou expressão de gênero.

Binarismo

Também denominado como "dimorfismo sexual". Crença, construída ao longo da história da humanidade, em uma dualidade simples e fixa entre indivíduos dos sexos feminino e masculino. Quando essa ideia está associada à de que existiria relação direta entre as categorias sexo (biológica) e gênero (psicossocial), incorre-se no cissexismo.

Cissexismo

Ideologia, resultante do binarismo ou dimorfismo sexual, que se fundamenta na crença estereotipada de que características biológicas relacionadas a sexo são correspondentes a características psicossociais relacionadas a gênero. O cissexismo, ao nível institucional, redunda em prejuízos ao direito à auto-expressão de gênero das pessoas, criando mecanismos legais e culturais de subordinação das pessoas cisgênero e transgênero ao gênero que lhes foi atribuído ao nascimento. Para as pessoas trans em particular, o cissexismo invisibiliza e estigmatiza suas práticas sociais.

Estereótipo

Imagem fixa e preconcebida acerca de algo ou alguém. É o fundamento das crenças e dos preconceitos.

Preconceito

Juízo preconcebido acerca de algo ou alguém, com base em estereótipos. Predispõe a determinadas atitudes com relação ao objeto do preconceito, que pode ou não se manifestar na forma de discriminação.

Discriminação

Comportamento de fundo preconceituoso com relação a algo ou alguém.

Transfobia

Preconceito e/ou discriminação em função da identidade de gênero de pessoas transexuais ou travestis. Não confundir com homofobia.

Homofobia

Medo ou ódio com relação a lésbicas, gays, bissexuais e, em alguns casos, a travestis, transexuais e intersexuais, fundamentado na percepção, correta ou não, de que alguém vivencia uma orientação sexual não heterossexual.

Heteronormatividade ou **Heterossexualidade Compulsória**

Crença na heterossexualidade como característica do ser humano “normal”. Desse modo, qualquer pessoa que saia desse padrão é considerada fora da norma, o que justificaria sua marginalização.

Despatologização

Conceito introduzido por uma campanha internacional pela exclusão da transexualidade, da travestilidade e das manifestações de gênero escapam à noção binária homem/mulher da Classificação Diagnóstica e Estatística de Doenças – CID, da Organização Mundial de Saúde, e do Manual Diagnóstico e Estatístico das Doenças Mentais – DSM, da Associação Psiquiátrica Americana. Em nível nacional, a campanha se estende à reformulação do processo transexualizador no Sistema Único de Saúde, tendo em vista a adoção de uma concepção de saúde que reconheça a pluralidade de identidades de gênero como uma manifestação natural dos seres humanos e que atenda as demandas das pessoas trans sem a necessidade de condicionar esse atendimento a um diagnóstico psiquiátrico e/ou psicológico.

Processo transexualizador

Processo pelo qual a pessoa transgênero passa, de forma geral, para que seu corpo adquira características físicas do gênero com o qual se identifica. Pode ou não incluir tratamento hormonal, procedimentos cirúrgicos variados (como mastectomia, para homens transexuais) e cirurgia de redesignação genital/sexual ou de transgenitalização.

Cirurgia de redesignação genital/sexual ou **de transgenitalização**

Procedimento cirúrgico por meio do qual se altera o órgão genital da pessoa para criar uma neovagina ou um neofalo. Preferível ao termo antiquado "mudança de sexo". É importante, para quem se relaciona ou trata com pessoas transexuais, não enfatizar exageradamente o papel dessa cirurgia em sua vida ou no seu processo transexualizador, do qual ela é apenas uma etapa, que pode não ocorrer.

LGBT

Acrônimo de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Eventualmente algumas pessoas utilizam a sigla GLBT, ou mesmo LGBTTT, incluindo as pessoas transgênero/*queer*. No Chile é comum se utilizar TLGB, em Portugal também se tem utilizado a sigla LGBTTQI, incluindo pessoas *queer* e intersexuais. Nos Estados Unidos se encontram referências a LGBTTTQIA (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Travestis, Transexuais, *Queer*, Intersexuais e Assexuais).

Nome social

Nome pelo qual as travestis e pessoas transexuais se identificam e preferem ser identificadas, enquanto o seu registro civil não é adequado à sua identidade e expressão de gênero.

Transfeminismo

Também denominado feminismo transgênero. Linha de pensamento e movimento de cunho feminista que reconhece o direito à autodeterminação das identidades de gênero das pessoas transgênero e cisgênero, o poder exclusivo dos indivíduos sobre os seus próprios corpos e a interseção entre as variadas identificações dos sujeitos.

Por meio do pensamento transfeminista se entende que o gênero é uma categoria distinta da de sexo, e mais importante do que esta para se compreender os corpos e as relações sociais entre homens e mulheres. A prática do transfeminismo com relação à mulheres, em particular, corresponde à constatação de que a liberação das mulheres trans está intrinsecamente ligada à liberação de todas as mulheres.

Orgulho

Antônimo de vergonha. Conceito desenvolvido pelo movimento social LGBT para propagar a ideia de que a forma de ser de cada pessoa é uma dádiva que a aproxima de comunidades com características semelhantes às suas, e deve ser afirmada como diferença que não se altera, não deveria ser reprimida nem recriminada.

MENSAGEM FINAL

Toda mudança em favor da justiça e da igualdade começa quando entendemos melhor quem são as outras pessoas, e o que elas vivem, superando mitos e medos.

Sem respeito à identidade de cada um(a), não garantimos a cidadania das pessoas e, silenciosamente, calamos sonhos, esperanças, aumentamos os desafios que as pessoas têm de enfrentar na vida.

Cada ser humano tem múltiplas formas de vivenciar sua identidade, e isso não muda para as pessoas transgênero: não são todas iguais. A identidade de gênero não esgota a subjetividade de uma pessoa, nem sua subjetividade se restringe ao fato de ser transexual.

As redes sociais e os meios de comunicação, de forma geral, podem contribuir sobremaneira, criticando a reprodução de estereótipos de gênero que desumanizam pessoas transexuais e travestis.

Tenho a expectativa de que este guia técnico auxilie em uma melhor compreensão das diferentes dimensões da identidade de gênero e promova a produção de novos materiais, fundamentados em conceitos científicos atualizados e em diálogo com a realidade das pessoas.

Referindo-me às palavras da bióloga Joan Roughgarden, torço para que nossa sociedade amadureça e, um dia, o fato de uma pessoa se assumir transexual ou travesti não mais seja razão de luto para ela, os familiares e amigos, mas de enorme alegria, quem sabe com direito a uma festa, visto a pessoa estar se encontrando, em uma espécie de segundo nascimento.

Conheça, Respeite, Valorize!

OUTRAS FONTES

Para maiores informações sobre o tema, consulte as referências abaixo.

Links

http://anavtrans.blogspot.com

Grupo de apoio em Brasília.

http://astrario.blogspot.com

Grupo de apoio no Rio de Janeiro.

http://transgrupotmp.blogspot.com.br

Grupo de apoio em Curitiba.

http://ftmbrasil.org.br

Site sobre e para homens transexuais.

http://transfeminismo.com

Site sobre transfeminismo.

http://www.tsroadmap.com

Orientações para pessoas trans, em inglês.

http://www.transrespect-transphobia.org

Violações de direitos das pessoas trans ao redor do mundo, em inglês.

Filmes

Beautiful Boxer. Ação / Drama / Esporte. 2004.

Café da Manhã em Plutão. Comédia. 2005.

Elvis e Madona. Comédia / Drama. 2011.

Hedwig: Rock, Amor e Traição. Musical / Comédia / Drama. 2001.

Meninos não Choram. Drama. 2009.

Minha Vida em Cor-de-Rosa. Drama. 1997.

Quanto Dura o Amor?. Drama. 2009.

Soldier´s Girl. Drama. 2003.

Transamérica. Aventura / Comédia / Drama. 2005.

Encontrando Bianca. Educativo. 2010. Disponível em http://www.youtube.com/watch?v=A_0g9BEPVEA.

A Erotização de Mulheres Transexuais por Homens Heterossexuais. Educativo (em inglês, opção de legenda em português). 2011. Disponível em http://www.youtube.com/watch?v=4pspzd1eDoY.

Entre Lugares: a invisibilidade do homem trans (Curta Pernambuco 01.12). Reportagem. 2011. Disponível em http://www.youtube.com/watch?v=kJrTqw2HOwg.

Reportagem Especial sobre Transexualidade. Reportagem. 2011. Disponível em http://www.youtube.com/watch?v=IJPSgMURhts&feature=fvst.

Spot sobre Visibilidade Trans. Educativo. 2011. Disponível em http://vimeo.com/25863857.

Transtorno de Gênero – Via Legal. Reportagem (o título não é adequado, porém o conteúdo é inclusivo). 2012. Disponível em http://www.youtube.com/watch?v=F2azQK2u_XM

Beautiful Darling: the life and times of Candy Darling, Andy Warhol superstar. Documentário (em inglês). 2010. Maiores informações em http://www.beautifuldarling.com.

O Céu sobre os Ombros. Documentário. 2011. Maiores informações em http://site.oceusobreosombros.com/everlyn.

Leituras

Almeida, Guilherme S. (2010). **Reflexões iniciais sobre o processo transexualizador no SUS a partir de uma experiência de atendimento**. In Arilha, Margareth; Lapa, Thaís de S. & Pisaneschi, Tatiane C. (orgs.), *Transexualidade, travestilidade e direito à saúde*, 117-148. São Paulo: Oficina Editorial.

Aran, Márcia; Murta, Daniela & Lionço, Tatiana. (2009). **Transexualidade e saúde pública no Brasil**. *Ciênc. saúde coletiva, 14*(4), pp. 1141-1149. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232009000400020&lng=en&nrm=iso

Benedetti, Marcos. (2005). *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond.

Bento, Berenice. (2006). *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond.

Bento, Berenice. (2008). *O que é transexualidade*. São Paulo: Brasiliense.

Bento, Berenice. (2011). **Na escola se aprende que a diferença faz a diferença**. *Estudos Feministas, 19*(2), pp. 549-559. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/ref/v19n2/v19n2a16.pdf.

Cabral, Mauro & Benzur, Gabriel. (2005). **Cuando digo intersex. Un diálogo introductorio a la intersexualidad**. *Cadernos Pagu, 24*, pp. 283-304. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/cpa/n24/n24a13.pdf.

Cabral, Mauro. (2009). *Interdicciones: escrituras de la intersexualidad en castellano*. Córdoba: Anarrés Editorial. Disponível em http://www.mulabi.org/Interdicciones2.pdf.

Couto, Edvaldo S. (1999). *Transexualidade: o corpo em mutação*. Salvador: Grupo Gay da Bahia.

Cox, Laverne. (2011). *Vamos falar de outras feminilidades: se não sou uma mulher?*. São Paulo: Geledés – Instituto da Mulher Negra. Disponível em http://www.geledes.org.br/areas-de-atuacao/nossas-lutas/questoes-de-genero/265-generos-em-noticias/10690-vamos-falar-de-outras-feminilidades-se-nao-sou-uma-mulher

Dossiê trans-formações em gênero. (2012). *Cronos – Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte*. Disponível em http://www.periodicos.ufrn.br/index.php/cronos/issue/view/185/showToc

Dossiê vivências trans: desafios, dissidências e conformações. (2012). *Revista Estudos Feministas*. Disponível em http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/issue/view/1905/showToc

Herzer, Anderson. (1983). *A queda para o alto*. Rio de Janeiro: Vozes.

Jesus, Jaqueline G. (2010). **Pessoas transexuais como reconstrutoras de suas identidades: reflexões sobre o desafio do direito ao gênero**. In Galinkin, Ana L. & Santos, Karine B. (orgs.), *Anais do Simpósio Gênero e Psicologia Social: diálogos interdisciplinares*, 80-89. Disponível em http://generoepsicologiasocial.org/wp-content/uploads/Anais_do_Simposio_Genero_e_Psicologia_Social2010.pdf.

Jesus, Jaqueline G. (2010). **Transexualidade: breve introdução**. *Correio Braziliense*, caderno Opinião, p. 13, 13 de setembro. Disponível em http://www.feminismo.org.br/livre/index.php?option=com_content&view=article&id=2191:transexualidade-breve-introducao-&catid=78:business-tech&Itemid=421.

Jesus, Jaqueline G. (2012). **Visibilidade transgênero no Brasil**. *Correio Braziliense*, caderno Opinião, p. 13, 18 de janeiro. Disponível em https://conteudoclippingmp.planejamento.gov.br/cadastros/noticias/2012/1/18/visibilidade-transgenero-no-brasil.

Leite Júnior, Jorge. (2011). *Nossos corpos também mudam: a invenção das categorias "travesti" e "transexual" no discurso científico*. São Paulo: Annablume.

Lionço, Tatiana. (2009). **Atenção integral à saúde e diversidade sexual no Processo Transexualizador do SUS: avanços, impasses, desafios**. *Physis, 19*(1), p. 43-63. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312009000100004&lng=en&nrm=iso

Machado, Paula S. (2008). **Intersexualidade e o "Consenso de Chicago": as vicissitudes da nomenclatura e suas implicações regulatórias**. *Revista Brasileira de Ciências Sociais, 23*(68), pp. 109-124. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v23n68/v23n68a08.pdf

Nery, João W. (2011). *Viagem solitária*. Rio de Janeiro: Leya.

Pedreira, Marcelo. (2006). *A inevitável história de Letícia Diniz*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Pelúcio, Larissa. (2009). *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids*. São Paulo: Annablume; Fapesp.

Peres, William S. (2008). *Travestis: corpo, cuidado de si e cidadania*. Disponível em http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST61/Wiliam_Siqueira_Peres_61.pdf

Ramsey, Gerald. (1998). *Transexuais: perguntas e respostas*. São Paulo: Edições GLS.

Rede Internacional pela Despatologização Trans. (2012). *Manifesto*. Disponível em http://www.stp2012.info/old/pt/manifesto

Rito, Lúcia. (1998). *Muito prazer, Roberta Close*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

Roughgarden, Joan. (2005). *Evolução do gênero e da sexualidade*. Londrina: Planta.

Silva, Hélio R. S. (2007). *Travestis: entre o espelho e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco.

Wonder, Cláudia. (2008). *Olhares de Cláudia Wonder: crônicas e outras histórias*. São Paulo: Summus Editorial.

A AUTORA

Jaqueline Gomes de Jesus é doutora em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações pela Universidade de Brasília – UnB, pesquisadora do Laboratório de Trabalho, Diversidade e Identidade – LTDI/UnB, professora do Centro Universitário Planalto do Distrito Federal e investigadora da Rede de Antropologia Dos e Desde os Corpos. Foi assessora de diversidade e apoio aos cotistas ecoordenadora do Centro de Convivência Negra da UnB. Fundou e presidiu a ONG Ações Cidadãs em Orientação Sexual. Pesquisa gestão da diversidade e movimentos sociais, com foco em gênero, orientação sexual e raça/etnia.
Currículo Lattes:http://lattes.cnpq.br/0121194567584126.

Os Revisores

Berenice Bento é doutora em Sociologia pela UnB e professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Recebeu em 2011 o Prêmio Nacional de Direitos Humanos da Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República. Pesquisa corpo e gênero, com enfoque na transexualidade.
Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/9597756345795906.

Luiz Mott é doutor em Antropologia pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp e professor da Universidade Federal da Bahia – UFBA. É comendador da Ordem do Mérito Cultural (Ministério da Cultura) e da Ordem do Rio Branco (Ministério das Relações Exteriores). Fundou e presidiu o Grupo Gay da Bahia. Pesquisa moralidade e sexualidade no Brasil colonial e na atualidade, com enfoque na homoafetividade.
Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/3331234730616226.

Paula Sandrine é doutora em Antropologia e professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Tem experiência na área de Antropologia do Corpo e da Saúde, Antropologia da Ciência, Psicologia Social e Saúde Coletiva. Pesquisa direitos sexuais e reprodutivos, com enfoque na intersexualidade.
Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/4113327441291226.

Agradeço profundamente o apoio dos revisores, que disponibilizaram sua vitalidade intelectual, sem quaisquer custos, a fim de aprimorar a qualidade deste guia técnico.

Com esta publicação de livre acesso se pretende contribuir para o aprimoramento do debate público sobre diversidade sexual e de gênero, assim fortalecendo a inclusão das pessoas que vivenciam as transgeneridades (ou transgeneralidades, como se preferir).

Para além de afirmar verdades ou esgotar o assunto, esta obra visa estimular reflexões, individuais e em coletivos, sobre a luta constante por igualdade e justiça social.

Motiva-se a reprodução total ou parcial das ideias aqui expostas, por todos os meios. Favor citar a fonte.

Registro EDA/FBN nº 563034, Livro 1074, Folha 91

Protocolo EDA/DF 2012 nº 366